

Ano 8. Nº 17 - Fevereiro 2026

RESSACA LITERÁRIA

Revista de poesia, prosa et cetera

 **UnirG**
Universidade de Gurupi



#VEMSER
UNIRG

SAIBA MAIS EM:
CELU@UNIRG.EDU.BR



CELU

CENTRO DE LÍNGUAS UNIRG

CURSOS

INGLÊS ESPANHOL ITALIANO

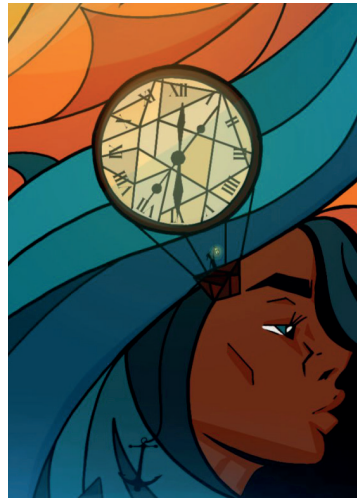
DESTINADO A COMUNIDADE
INTERNA E EXTERNA


UnirG | LETRAS
Universidade de Gurupi

EDIÇÕES ANTERIORES



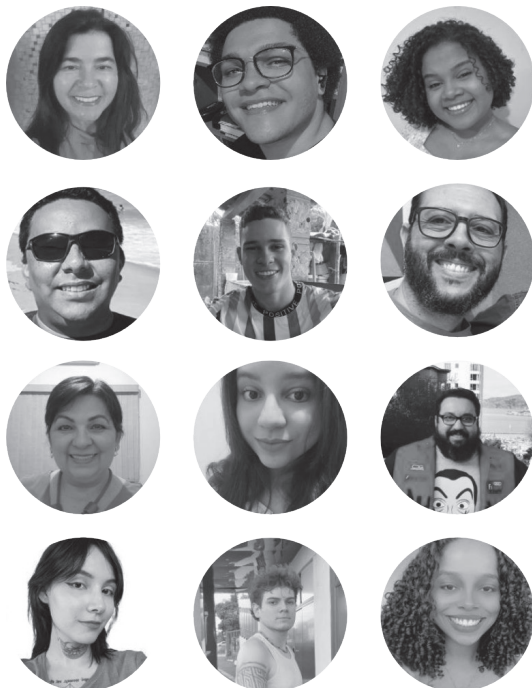
NOSSA CAPA



Título: **Entre a imensidão das palavras um universo de sonhos em dimensões**
 Dimensão: 0,50 x 0,30
 Técnica: Pintura Digital

Autoria:
Douglas Ferreira Galvão
Acadêmico do Curso de Letras da UnirG

NOSSA EQUIPE



PREFIXO EDITORIAL: 922619
NÚMERO ISSN: 2965-2553
TÍTULO: Ressaca Literária Nº 17
TIPO DE SUPORTE: Papel
VEICULAÇÃO: Físico
PRODUÇÃO: Curso de Letras - UnirG
DIREÇÃO: Maria Wellitania Oliveira

FUNDAÇÃO UNIRG

Presidente:
 Thiago Piñero Miranda
Diretora Administrativa Financeira:
 Maria Adriana Cavalcante Pereira

UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG

Reitora:
 Drª. Jaqueline de Kassia Ribeiro de Paiva
Vice-Reitor:
 Prof. Me. Paulo Henrique Costa Mattos
Pró-reitora de Graduação e Extensão:
 Profª. Dra. Samara Tatielle Monteiro Gomes
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
 Prof. Dr. Walmirton Bezerra Dalessandro
Pró-Reitora de Extensão:
 Profª. Dra. Kattia Ferreira da Silva
Coordenador do Curso de Letras:
 Profª. Me. Alexandre Peixoto Silva
Coordenadora de Estágio:
 Profª. Ma. Lucivânia Carvalho Barcelo

COORDENAÇÃO DE REDAÇÃO:

Lorrane Ferreira da Silva

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Alexandre Giuliano L. dos Santos Corrêa
 Ana Paula Soares Marinho
 Brunno de Sousa e Silva
 Douglas Ferreira Galvão
 Fábio Araújo Pereira
 Luana Marques Amorim
 Nicolas Gabriel Pereira de Paula
 Wifeflany Alves Pires

DIAGRAMAÇÃO:

Migne Thiago de Oliveira Cabral
PROJETO GRÁFICO: Maria Wellitania Oliveira
CORREÇÃO/REVISÃO: Deice Joceliane Pomblum/
 Alexandre Peixoto Silva
IMPRESSÃO: Gráfica São Jorge
TIRAGEM: 100

CONTATO: resscaliteraria2017@gmail.com
WHATSAPP: (63) 99978-1062 / 3612-7521
 Av. Antônio Nunes da Silva, nº 2195
 Parque das Acácias - Gurupi – TO – 77425-500

MIX LITERÁRIO

CAÇA-PALAVRAS LITERÁRIO

R	O	M	A	N	T	I	S	M	O	D	R	N	S	C	H
O	D	E	R	N	X	S	M	O	E	E	L	I	S	M	O
R	E	A	L	I	S	M	O	S	I	M	B	O	L	I	S
P	A	R	N	A	S	I	A	N	I	S	M	O	N	O	E
N	A	T	U	R	A	L	I	S	M	O	L	I	R	S	I
L	I	R	I	S	M	O	C	R	I	O	N	E	E	I	R
C	R	O	N	I	C	A	C	O	S	P	A	E	I	A	O
P	O	E	S	I	A	E	P	P	O	P	E	I	A	D	R
F	C	C	O	E	R	E	E	T	T	D	R	A	M	A	O
P	R	O	P	E	I	A	C	O	M	É	D	I	A	S	A
C	I	O	E	P	O	E	C	O	O	A	R	C	A	D	I
S	O	M	D	O	R	E	I	S	M	O	B	O	R	C	O
C	L	A	S	S	I	C	I	S	M	O	B	A	R	R	O
A	C	R	A	D	I	S	M	O	A	R	C	A	D	I	S
A	R	R	C	A	D	I	S	M	O	V	A	G	U	A	R
D	A	B	A	R	O	C	O	B	A	R	C	I	D	M	A
S	E	P	O	E	S	I	O	S	M	O	E	O	E	R	O
D	E	P	E	E	D	S	E	E	P	O	C	O	R	I	A
C	L	A	S	S	I	C	I	S	B	A	U	O	V	I	O
V	A	N	G	U	A	R	D	A	B	R	A	R	O	C	O

ROMANTISMO
 MODERNISMO
 REALISMO
 SIMBOLISMO
 PARNASIANISMO
 NATURALISMO
 LIRISMO
 CRÔNICA
 POESIA

CONTO
 DRAMA
 FICÇÃO
 ENSAIO
 EPOPEIA
 TRAGÉDIA
 COMÉDIA
 CLASSICISMO
 BARROCO

MELOPEIA E TRADUÇÕES



MEDO DA CHUVA - FEAR OF THE RAIN

Profª. Ana Paula Soares Marinho

“Medo da Chuva” faz parte do disco Gita (1974) e foi composta por Raul Seixas em parceria com Paulo Coelho. A canção mistura poesia e crítica social, trazendo a chuva como símbolo de transformação e liberdade. Escrita em um momento de crise pessoal dos autores, fala sobre o peso das convenções, como o casamento, e sobre a busca por viver o amor e a vida de forma mais autêntica.

A letra original:

É pena que você pense
Que eu sou seu escravo
Dizendo que eu sou seu marido
E não posso partir
Como as pedras imóveis na praia
Eu fico ao teu lado sem saber
Dos amores que a vida me trouxe
E eu não pude viver
Eu perdi o meu medo, o meu medo
O meu medo da chuva
Pois a chuva voltando pra terra
Traz coisas do ar
Aprendi o segredo, o segredo
O segredo da vida
Vendo as pedras que choram
Sozinhas no mesmo lugar
Eu não posso entender tanta gente
Aceitando a mentira
De que os sonhos desfazem
Aquilo que o padre falou
Porque quando eu jurei meu amor
Eu traí a mim mesmo
Hoje eu sei que ninguém nesse mundo
É feliz tendo amado uma vez, uma vez
Eu perdi o meu medo, o meu medo
O meu medo da chuva
Pois a chuva voltando pra terra
Traz coisas do ar
Aprendi o segredo, o segredo
O segredo da vida
Vendo as pedras que choram
Sozinhas no mesmo lugar
Vendo as pedras que choram
Sozinhas no mesmo lugar
Vendo as pedras que sonham
Sozinhas no mesmo lugar

A tradução:

It's a pity you believe
That I am your servant,
Calling me your husband,
As if I could never leave.
Like the stones unmoving by the shore,
I stand beside you, unaware
Of the loves life brought to me
But I could never live.
I have lost my fear, my fear,
My fear of the rain,
For the rain, returning to the earth,
Brings secrets from the air.
I discovered the secret, the secret,
The secret of life,
Watching the stones that weep
Alone, always in the same place.
I can't understand so many souls
Accepting the lie
That dreams can undo
What the priest once declared.
For when I swore my love,
I betrayed myself.
Now I know that no one in this world
Is happy having loved just once, just once.
I have lost my fear, my fear,
My fear of the rain,
For the rain, returning to the earth,
Brings whispers from the air.
I discovered the secret, the secret,
The secret of life,
Watching the stones that weep
Alone, always in the same place.
Watching the stones that weep
Alone, always in the same place.
Watching the stones that dream
Alone, always in the same place.

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA	03
RESSACA DE LEITURA	05
ONDAS DE POESIA	10
NO CAMINHO DA PROSA	14
ARTE COMO REFLEXÃO	25
ENTREVISTA	27
TEORIA LITERÁRIA	30
PRODUÇÃO ACADÊMICA	32
LITERATURA, CINEMA E OUTRAS ARTES	35
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	37
MELOPEIA E TRADUÇÕES	39
MIX LITERÁRIO	40
QUADRINHOS	41
CRUZADA LITERÁRIA	42
MARULHOS LITERÁRIOS	43

RESSACA DE LEITURA

**LIMA BARRETO: A “LITERATURA DE COMBATE”
DA PERIFERIA DO CÂNONE**
PROF. ME. FÁBIO ARAÚJO PEREIRA



Conceição Evaristo - foto: acervo pessoal da autora = In: <https://oglobo.globo.com>

O presente artigo propõe analisar a vida e a obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, uma figura por vezes marginalizada, do Pré-Modernismo brasileiro. A pesquisa explora o intrincado diálogo entre a realidade biográfica do autor e sua produção literária potente e, frequentemente, polêmica. A literatura de Lima Barreto constitui uma resposta direta e combativa às exclusões sociais que ele enfrentou, utilizando a sátira e uma linguagem despojada para desafiar a elite intelectual e política predominante na Primeira República brasileira.

A Biopolítica de um Inconformista

A biografia de Lima Barreto não é apenas um pano de fundo para seus escritos; ela é a própria substância de sua obra. Seus anos de vida, compreendidos entre 1881 e 1922, foram marcados por uma série de tragédias e injustiças

que, longe de serem meros infortúnios pessoais, moldaram seu projeto literário. Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro, exatos sete anos antes da Lei Áurea, data que ele próprio considerou uma espécie de “predestinação” em sua vida. Filho de pais mestiços, descendentes de escravos, seu nascimento simboliza a ambiguidade do projeto pós-abolição no Brasil. Embora sua família pertencesse a uma pequena “elite negra” que havia conquistado certa ascensão durante o Império, com seu pai sendo um prestigiado tipógrafo e sua mãe uma professora, a promessa de inclusão da República, iniciada pouco depois, desabaria de forma cruel.

Sua trajetória pessoal espelha as promessas não cumpridas da nova ordem. Após a morte de sua mãe aos seis anos, a família enfrentou o trauma da loucura do pai, o que o forçou a abandonar o promissor curso de

Seis meses após minha chegada, fui aprovada em uma seleção da UnirG, a maior universidade da região, onde iniciei minha carreira acadêmica. Desde então, já se passaram 22 anos lecionando Literatura e tantas outras disciplinas que atravessaram minha trajetória.

A busca pelo conhecimento me levou mais longe: concluí especializações em Língua Portuguesa e Literatura, em Orientação Educacional, além de um Mestrado em Teoria e Crítica Literária pela PUC-Goiás e o Doutorado em Ciências da Cultura pela UTAD, em Portugal.

Fora da sala de aula, a paixão pela educação se multiplicou em projetos, pesquisas, publicações e gestão. Coordenei programas federais como PIBID e RP, orientei inúmeros trabalhos de conclusão de curso e participei de livros, artigos e

revistas no Brasil e em Portugal. Por quatro anos, estive à frente da coordenação do Curso de Letras da UnirG. Atualmente, sigo conduzindo iniciativas que unem literatura, memória e comunidade: o projeto Ressaca Literária, revista-laboratório de poesia e prosa; e o projeto Relatos de Memórias, na Universidade da Maturidade de Gurupi, que valoriza a sociointeração da terceira idade por meio da linguagem.

Olho para trás e vejo um percurso tecido de palavras, ensino e afetos. Realizei-me como mulher, mãe, professora, escritora. Casei, tive filhos, plantei árvores, escrevi livros e, sobretudo, vivi com intensidade cada página dessa história. Hoje, sigo feliz e grata pela trajetória que construí — uma vida inteira dedicada à educação, à literatura e ao sonho que nunca me abandonou: transformar o mundo através da palavra.



ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO



Profª Mª. Maria Wellitania de Oliveira

Meu nome é Maria Wellitania de Oliveira. Nasci em Pombal, no alto sertão paraibano, onde o sol e a terra árida desenhavam a força dos dias. Ainda menina, segui com minha família para João Pessoa, a capital, onde aprendi que a infância pode ser feita de sonhos maiores que o próprio tempo. Sou a única filha entre sete irmãos, talvez por isso tenha crescido envolta em um cuidado especial, mas também em uma solidão discreta, que me levou cedo à companhia dos livros e das palavras.

Na infância, fui uma criança alegre, festiva, sempre sociável. Gostava de inventar, de sonhar. A dedicação aos estudos nasceu junto com os primeiros sonhos, e neles já habitava a poesia. Na adolescência, escrevia versos e imaginava destinos: queria ser escritora e juíza, mas a vida me conduziu por outros caminhos. Comecei a trabalhar cedo, fui vendedora, fui empresária, arrisquei passos no mundo dos negócios. No entanto, foi a sala de aula

que me escolheu, e nela encontrei minha verdadeira vocação.

Casei aos vinte anos, tive quatro filhos, vivi as alegrias e também as despedidas. Mais tarde, divorciei-me e concentrei minhas forças na educação e no crescimento deles — tarefa que cumpri com êxito e orgulho de mãe.

Em 1994, atravessei fronteiras e destinos: deixei a Paraíba e vim para o Tocantins, fixando-me em Palmas. Ali estudei, trabalhei, formei novos laços. No ano 2000, concluí o curso de Letras pela ULBRA. Logo iniciei minha trajetória como professora na SEDUC-TO, no município de São Salvador do Tocantins. Dois anos depois, aprovada em concurso público, mudei-me para Gurupi, cidade que se tornaria meu lugar de vida e trabalho. Lecionei nas melhores escolas da cidade, sobretudo no Centro de Ensino Médio de Gurupi, onde há mais de duas décadas sigo ensinando Língua Portuguesa, Redação e Arte.

Engenharia na Escola Politécnica em 1903 para assumir o sustento dos irmãos. A partir de 1904, passou a trabalhar como escriturário no Ministério da Guerra, cargo que ocupou até se aposentar por invalidez em 1918. Essa sequência de eventos — o abandono da academia, a responsabilidade familiar e as doenças — não foi um mero encadeamento de fatos, mas uma ilustração profunda do fracasso estrutural da Primeira República em absorver seus cidadãos negros, mesmo aqueles com as melhores credenciais. O preconceito que ele sentiu “na pele” o acompanhou inclusive nos meios acadêmicos e, assim como seu pai, ele também enfrentou a depressão e o alcoolismo, chegando a ser internado em hospícios duas vezes. A sua luta pessoal e a de sua família contra a instabilidade mental e as doenças se confunde com a luta do negro em uma sociedade que, embora tenha formalmente abolido a escravidão, não conseguiu oferecer dignidade social ou econômica.

O Traço do Autor: A Marginalidade como Posição Intelectual

A posição marginal de Lima Barreto — tanto geográfica (ele morava nos subúrbios) quanto social (um intelectual afro-brasileiro em uma elite branca) — não era uma condição passiva, mas uma escolha consciente e uma fonte de sua perspectiva única. O autor se afirmou como um intelectual negro e procurou estabelecer-se na cena literária a partir de uma postura de oposição, sendo um crítico contundente das elites políticas e culturais da época. Seu uso de uma linguagem popular e simples, que se aproximava do povo, era visto como “literariamente aviltante” por seus contemporâneos, mas ele próprio afirmava que sua literatura nunca se escondeu de quem ele realmente era.

A sua candidatura, por duas vezes, à Academia Brasileira de Letras (ABL), uma instituição que representava o ápice da elite que ele tanto desprezava, não pode ser vista como um desejo genuíno de pertencer, mas como um ato performático de subversão. Sua recusa não fez mais do que confirmar a sua suspeita de que os objetivos da ABL não eram compatíveis com os seus, e que a instituição

era mais um veículo de uma tradição seletiva e elitista. Isso o diferencia radicalmente de seu contemporâneo Machado de Assis. Enquanto a sátira de Machado era sutil e “incrivelmente tolerável” porque vinha de um “igual” e se dirigia à “espécie humana em geral”, a de Lima Barreto era recebida com “mais hostilidade” justamente porque ele não era percebido como um membro da elite. Lima optou por uma abordagem mais virulenta e direta, utilizando o *roman à clef* para satirizar figuras reais e identificáveis, algo que Machado de Assis evitava. A diferença de suas posições sociais moldou suas estratégias literárias: Lima, como um marginal, não podia se dar ao luxo da sutileza de um insider como Machado, usando sua arte como uma arma direta.

A obra de Lima Barreto é um vasto laboratório de crítica sociopolítica, na qual cada romance se torna um veículo para uma denúncia específica. Seus escritos não são apenas contos ou romances, mas crônicas de um país que ele via com um olhar aguçado e doloroso.

O Triste Fim de um Mito Nacional: Triste fim de Policarpo Quaresma

Publicado em 1911, este romance pré-modernista é considerado a obra-prima de Lima Barreto e o exemplo por excelência de seu nacionalismo crítico e anti-romantismo. A trama segue o protagonista, o major Policarpo Quaresma, um funcionário público e patriota extremado que dedica sua vida a valorizar a cultura brasileira, a ponto de se tornar motivo de zombaria. Ele chega a enviar um requerimento ao Congresso Nacional para que o tupi-guarani se torne a língua oficial do Brasil e tenta aprimorar a agricultura nacional em seu sítio, onde é vencido pela praga das formigas saúvas. A trajetória de Policarpo é uma jornada de desilusão.

No fim, ele percebe que a “pátria que quisera ter era um mito”. A crítica de Lima Barreto se estende aos problemas políticos da República Velha, à miséria urbana e à oposição entre a retórica vazia do governo e a realidade de uma população que vive em “ruas e bibocas”. O desfecho da história de Policarpo, que acaba preso após se envolver em uma luta

armada, simboliza o fracasso de uma visão romântica da nação.

O Espelho da Alma e da Imprensa: Recordações do Escrivão Isaías Caminha

Este, o primeiro romance de Lima Barreto, publicado em 1909, é um exemplo notável de sua “escrita de si”. A história é narrada por Isaías, um jovem negro que se muda para o Rio de Janeiro em busca de ascensão profissional, mas que encontra um cenário de racismo e discriminação que frustra suas aspirações. O livro, com fortes elementos autobiográficos, funciona como um espelho das próprias experiências do autor com o preconceito racial e social. A ambientação principal da trama em um jornal local permite a Lima Barreto realizar uma crítica mordaz não apenas à sociedade preconceituosa, mas também à imprensa, que, na sua visão, reproduzia as mazelas sociais e era palco de carreirismo e hipocrisia. Ao mostrar a dificuldade de Isaías em se integrar e a forma como a imprensa manipula a verdade, a obra expõe uma das maiores contradições da Primeira República: a promessa de liberdade e progresso que coexistiam com a marginalização ativa de uma grande parte da população.

O Grito Silenciado do Subúrbio: Clara dos Anjos

Clara dos Anjos, romance publicado postumamente, é uma obra pioneira na literatura brasileira por sua abordagem direta da questão racial e de gênero. Ambientado no subúrbio carioca, um espaço que o autor conhecia intimamente, o livro narra a história da jovem protagonista mulata que, por ser negra e ingênua, é explorada e abandonada por um jovem de má índole, sofrendo um “destino mofino e que soa irreversível”. A obra expõe a crueldade do racismo e da desigualdade, mostrando como os “mecanismos de bloqueio” sociais impediam a felicidade e a

realização de pessoas negras. A escolha do subúrbio como cenário é uma declaração geopolítica, que desafia a visão elitista do Rio de Janeiro da Belle Époque e reivindica que a verdadeira identidade nacional se encontrava na periferia, onde a maior parte da população vivia e sofria injustiças.

A Nação Ficcional da Verdade: Os Bruzundangas

Publicada postumamente em 1923, esta obra é uma sátira política por excelência. Usando o artifício de um país fictício, a Bruzundanga, o autor realiza uma crítica feroz e mordaz à sociedade e à política da Primeira República brasileira. A narrativa, conduzida por um “visitante estrangeiro” que viaja por este país imaginário, dissecou com inteligência e ironia a hipocrisia, a corrupção, o nepotismo e a oligarquia de “doutores” que dominavam o poder. O tom satírico, que chegava a ser sarcástico, expõe o patriotismo vazio dos que se beneficiam do poder, os “ferozes patriotas” que, no fundo, querem mesmo é viver fora do país. A obra é uma crítica sofisticada que mistura a tradição literária com um comentário político cru e carregado de experiências pessoais.

As escolhas estilísticas de Lima Barreto não foram acidentais ou sinais de falta de refinamento. Pelo contrário, foram uma rejeição deliberada às normas literárias vigentes e uma forma de posicionamento político e intelectual.

A Batalha Contra o Purismo Linguístico

Uma das principais lutas de Lima Barreto foi contra o purismo linguístico, um reflexo de uma cultura provinciana e eurocêntrica que dominava a elite literária. Suas obras são caracterizadas por uma linguagem “coloquial e fluida” que valoriza o falar cotidiano do povo. Ao rejeitar a



peso, com Fernanda Torres, que faz a Eunice mais jovem, que a levou a ganhar o prêmio do Globo de Ouro na categoria de Melhor Atriz em filme de drama, conta com Selton Mello no papel de Rubens Paiva e uma participação especial de Fernanda

Montenegro como Eunice mais velha, após a doença de Alzheimer. Estreou no Festival de Veneza, onde foi muito bem recebido e venceu o prêmio de melhor roteiro, sendo indicado pela Academia Brasileira de Cinema para representar o Brasil no Oscar 2025, onde o filme ganhou uma estatueta de outro na categoria de Melhor Filme Internacional, trazendo o primeiro Oscar para as terras verdes e amarelas.

As obras nos mostram que uma ditadura, a perda da democracia não atinge apenas números de estatísticas em um livro de história; elas levam vidas singulares e modificam drasticamente aquelas que tentam sobreviver. Em um Brasil polarizado politicamente, divido não por política, mas por político, as obras debatem sobre a importância memória, como ela pode ser facilmente esquecida, como elas devem ser lembradas, sobre o valor da democracia e o ressurgimento de discursos autoritários, com apologia a ditadura, é reviver para não viver como vozes de resistência. Eles ajudam a reafirmar que certos episódios não podem ser esquecidos sem prejuízo para a sociedade e para a democracia, e que certos eventos podem perdurar por décadas.



Ao mesmo tempo o livro, nos relata o tema da velhice, do alzheimer de sua mãe Eunice Paiva, do cuidado com quem está perdendo a memória — não só no sentido literal, mas no sentido sociopolítico (quem esquece, quem decide apagar memória, quem manipula o passado) e de lembrar para que aqueles que estão ganhando memórias possam saber dos fatos históricos sem querer revivê-los. Isso ressoa num Brasil que debate censura, silenciamento, negação de fatos históricos, e também nos fala de como podemos cuidar uns dos outros — das pessoas que fazem parte da história, mesmo quando se vão ou quando adoecem.

Ainda Estou Aqui, nos mostra que o Brasil tem história e memória para ser contada aos brasileiros, que devem lembrar a sua história, que devemos lutar pela liberdade e que os direitos são conquistados e permanecidos com verdade e resistência; e ao mundo, que aqui, em terras tupiniquins, em terras de brancos, negros, polacos, indígenas e deus e o mundo de identidades e raças, há memória viva e construída; há resistência diária e suada; há identidade em cada rosto; há soberania e autoridade de resolver os nossos conflitos; e principalmente o ato de afirmação de dignidade diante do apagamento — seja o desaparecimento forçado, seja o alzheimer, seja o esquecimento político. Serve como um alerta eloquente de que esquecer é perigoso; recordar é uma forma de justiça.

LITERATURA, CINEMA E OUTRAS ARTES



AINDA ESTOU AQUI

Prof. Marcos Paulo Gonçalves Cerutti

O que ainda permanece quando nós nos vamos? Ficam apenas as memórias? Nos resta apenas nossa breve e ínfima existência no tempo? Podemos permanecer vivos depois da morte? Ainda Estou Aqui, do escritor Marcelo Rubens Paiva, publicado em 2015, é uma autobiografia de sua infância entre as fazendas e as praias do Rio de Janeiro, com brincadeiras e descobertas reservadas para os curiosos e corajosos, em um Brasil em plena ditadura militar, até a sua fase adulta, qual, sem dúvidas, as sombras e os monstros do passado ainda estavam ali, anos depois de findarem.

O escritor, dramaturgo e jornalista, Marcelo Rubens Paiva, nasceu em 1959 na cidade de São Paulo, sendo o filho mais novo de Eunice Facciolla e Rubens Paiva, quais já tinham quatro filhas. Em 1966, quando tinha apenas seis anos mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, depois que o ex-deputado federal e seu pai, perdera o

mandato, foi cassado e exilado pelo golpe de Estado de 1964. Como escritor deve conhecido nacionalmente com a obra autobiográfica Feliz Ano Velho, de 1982, sendo um best-seller nos anos 80, ganhou o Prêmio Jabuti e é referência de literatura brasileira contemporânea.

Com a sua nova e mais famosa obra, Ainda Estou Aqui, Marcelo retoma o gênero de memória, que relata os fatos históricos presentes em sua infância (o desaparecimento do pai, e a luta da mãe pela verdade e a sua resistência) e também nos conta sobre a doença de Alzheimer que sua mãe Eunice Paiva sofrera, mantendo vivo aquilo que pode ser facilmente esquecida — a memória, a história, a verdade.

O filme homônimo, dirigido por Walter Salles (Central do Brasil), estreou em 2024, com roteiro de Murilo Hauser e Heitor Lorega, baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva. Conta com um elenco de

“linguagem preciosista, empolada e fútil” e a “gramática de gabinete” da Academia, ele advogou por uma língua nacional “despojada” que estivesse mais próxima da realidade do brasileiro comum. Para ele, o purismo era uma forma de legitimar a distinção social e de “estontear os parvos” com um palavreado obscuro e inacessível. Sua defesa de uma “literatura militante” e de uma língua que refletisse a identidade do povo é um dos pilares de sua obra e um dos motivos pelos quais ele é considerado um precursor do Modernismo brasileiro.

Sátira vs. Ironia: A Diferença entre Machado e Lima

O estudo da sátira de Lima Barreto se torna ainda mais significativo quando contrastado com a de Machado de Assis. A sátira machadiana é descrita como sutil e “incrivelmente tolerável”. Machado, um “mestre na periferia do capitalismo”, optou por uma linguagem elevada e solene, e seu narrador, que pertencia à elite, criticava a “espécie humana em geral”, o que, paradoxalmente, absolvía as pessoas específicas ao diluir a culpa.

A sátira de Lima, por sua vez, tendeu a ser recebida com “mais hostilidade” porque o autor não era visto como um “igual”. Lima Barreto, um escritor de “literatura de combate”, era mais virulento e direto. Ele não hesitou em usar o *roman à clef* para satirizar “pessoas reais identificáveis”, uma prática que ele via como uma forma de “insubordinação” necessária para expor a hipocrisia da sociedade. A diferença entre os dois autores reside, não na qualidade de suas obras, mas em suas posições sociais e intenções políticas: Machado buscou a universalidade e a elevação, enquanto Lima buscou a confrontação e a veracidade da periferia. A relevância de Lima Barreto nos dias de hoje não é um acaso. Ela é fruto da redescoberta de

um autor que, por muito tempo, foi relegado a um “limbo” literário, mas que hoje é celebrado por sua capacidade de expor o cerne de questões sociais que ainda nos afligem.

Da Marginalidade à Redescoberta

Lima Barreto morreu em 1922, ano da Semana de Arte Moderna, um marco que, ironicamente, o colocou em uma espécie de limbo, entre o Realismo de Machado e o Modernismo que se iniciava. Sua obra “praticamente desapareceu do mercado” por décadas, sendo resgatada somente com o trabalho de historiadores como Francisco de Assis Barbosa, que, nos anos de 1950,

publicou uma coletânea de 17 volumes do autor. Mais recentemente, a biografia de Lilia Schwarcz, que resgata a dimensão de “escrita de si” de Lima e a relação de sua obra com sua condição racial, reforça a “ressignificação de autores negros” no cânone literário brasileiro. A sua redescoberta coincide com a ascensão de uma nova consciência sobre a persistência do “racismo estrutural e institucional” no Brasil, uma realidade que ele tão brilhantemente capturou em sua literatura militante.

O crescente interesse internacional pela obra de Lima Barreto demonstra a universalidade de sua crítica. A análise das traduções de suas obras para o inglês revela que seus temas ressoam para além das fronteiras brasileiras. Existem pelo menos nove publicações em inglês, com destaque para cinco traduções diferentes de Triste fim de Policarpo Quaresma e três de “O homem que sabia javanês”. O fato de sua obra mais famosa ter sido traduzida tantas vezes, inclusive por editoras de prestígio como a Penguin, sugere que sua denúncia da desilusão com a identidade nacional e o fracasso dos sistemas políticos são vistos como temas de relevância global. Esse crescente reconhecimento em países de



língua inglesa valida a visão de Lima Barreto não apenas como um gênio nacional, mas como uma figura de relevância literária e social global.



A Voz Duradoura da Insurgência

A vida de Lima Barreto foi uma jornada de lutas contra as instituições e preconceitos de seu tempo, e sua obra é o registro inalienável dessa batalha. Suas experiências pessoais de marginalização, de racismo e de doença mental não foram meros acidentes, mas a força motriz de uma “literatura de combate” de sinceridade incomparável. Ao rejeitar o purismo linguístico, a hipocrisia da imprensa e a futilidade da elite, ele se posicionou como a voz da periferia, do subúrbio e dos oprimidos. O seu legado reside na sua capacidade de usar a arte como uma ferramenta para a denúncia social e a reivindicação de uma identidade nacional honesta, despida de mitos e idealizações. Lima Barreto, que certa vez foi considerado “literariamente aviltante”, é hoje reconhecido como uma das vozes mais essenciais e corajosas da literatura brasileira, um monumento permanente à luta por dignidade, inclusão e verdade. Sua obra, a cada nova leitura, nos convida a confrontar as permanências de um passado que insiste em se fazer presente.

Referência Bibliográfica

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

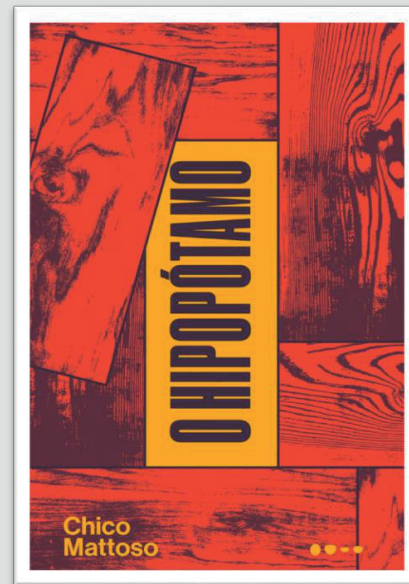
Recordações do Escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Clara dos Anjos. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Os Bruzundangas. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MARULHOS LITERARIOS

INDICAÇÕES DE LEITURA



O HIPOPÓTAMO, DE CHICO MATTOSO

Rodrigo, um menino sensível dos anos 1990, cresce dividido entre duas casas e dois mundos: o da mãe, com suas cicatrizes ocultas, e o do pai, marcado por sombras não ditas. Entre jogos de Playmobil, a escola e a solidão, ele aprende a decifrar a vida pelos sinais fragmentados que o cercam. Aos poucos, descobre que a história de sua família se mistura à do país, atravessada pelo exílio e pela ditadura. Com lirismo conciso e olhar infantil, Chico Mattoso constrói um romance de formação delicado e comovente, onde cada gesto marca a perda da inocência e o despertar para o indizível.

Diante desses achados, torna-se evidente a necessidade de ações estratégicas voltadas à valorização da carreira docente, à ampliação da divulgação do Curso de Letras e ao fortalecimento da relação entre universidade e escolas de Ensino Médio, promovendo o esclarecimento vocacional e o

resgate da importância social e cultural da formação em Letras.

Referência Bibliográfica

LIMA, A. R. *A formação de professores no Brasil: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora Educacional, 2018.

VESTIDA DE SI MESMA

Guilherme Chaves Pinheiro

O sol, soberano e pontual, mais uma vez atravessava a vidraça do quarto de Aurora. Era como se cada raio fosse um aplauso à sua existência, iluminando a jovem que se erguia lentamente da cama. A claridade dourada brincava com o branco do traje da noite anterior, ainda repousado em seu corpo, como se não ousasse abandoná-la. Aurora caminhou até o guarda-roupa — um móvel antigo, rangendo como quem denuncia segredos escondidos no tempo.

Ao abrir as portas, um contraste se revelou: nas prateleiras de cima, pares caros, reluzentes, cuidadosamente polidos; abaixo, esquecidos e empoeirados, repousavam sapatos gastos, invisíveis, como memórias que já não importavam. Aurora estendeu a mão com a precisão de quem escolhe não apenas o que vestir, mas o que representar. Seus dedos tocaram o par mais luxuoso, aquele que, silenciosamente, proclamaria sua mensagem: “eu sou o que tenho”. Em frente ao espelho, ajeitou os longos cabelos ruivos, abriu o porta-joias e deixou que brilhos frios disputassem com o sol o privilégio de refletir em seu corpo. Estava pronta. Não apenas para sair, mas para ser olhada, comentada, invejada. Do outro lado da cidade, o mesmo sol atravessava uma janela mais modesta. Clara já estava desperta antes dele. A vida não lhe permitia o luxo da preguiça: havia irmãos para arrumar, café para preparar, a mãe enferma para cuidar. Seu dia começava cedo, e nele não havia espaço para aplausos invisíveis.

Sobre o criado-mudo, repousava um bilhete dobrado. Clara o mantinha ali como quem guarda um fragmento de sonho. Meses antes, inscrevera-se em um concurso de modelos. Ultimamente, pensava em desistir: como buscar o que o coração deseja quando a realidade exige sacrifícios?

Então, sua mãe, com voz frágil, mas firme, quem a encorajou: — Vá, minha filha. Não abandone o que faz seu coração pulsar.

Clara respirou fundo e, pela primeira vez

em muito tempo, olhou para si. Abriu o guarda-roupa simples, de onde retirou seu vestido mais bonito — não novo, não caro, mas carregado de história. O branco já não era tão branco, as flores lilases estavam desbotadas, mas havia nele uma dignidade. Nos pés, uma sandália de miçangas coloridas. O cabelo, solto e negro, revelava o brilho de um olhar sincero, que não precisava de adornos. O destino das duas se cruzariam naquele dia. Aurora e Clara. Luxo e simplicidade. Aparência e essência.

O salão estava lotado quando Aurora entrou. Os olhares imediatamente se voltaram para ela. Sua presença era imponente, o vestido reluzente, o andar calculado. Havia em seus gestos uma soberania quase ensaiada, como se já tivesse conquistado o primeiro lugar antes mesmo de começar. Admiravam-na, sim, mas de longe. Sua beleza era como uma obra em um museu: perfeita, mas intocável.

Pouco depois, Clara atravessou a mesma porta. Nenhum silêncio repentino, nenhum suspiro contido. Seu vestido simples não brilhava sob as luzes. Mas o sorriso que ofereceu a todos, o olhar meigo e agradável que agradecia até os olhares tímidos... tudo nela criava proximidade. Clara não precisava anunciar-se: conquistava em silêncio, pela autenticidade.

Aurora, por outro lado, permanecia erguida em sua altivez, distante, envolta em sua aura de luxo. Clara, ao contrário, espalhava leveza. Conversava, ria com naturalidade, escutava como quem realmente queria ouvir. Não havia cálculo em seus gestos, apenas humanidade.

E então, o contraste ficou impossível de ignorar. Aurora impressionava os olhos. Clara conquistava os corações. Aurora saiu ovacionada por um respeito distante. Clara, aplaudida de pé por aquilo que nenhum dinheiro compra. E foi Clara, vestida de si mesma, quem venceu. Não o concurso apenas, mas a prova maior: a de mostrar que caráter nunca sai de moda, e que a verdadeira riqueza se mede naquilo que se é — e não naquilo que se possui.

março e abril de 2025, complementada por visitas às escolas participantes. A análise documental dos dados levantados permitiu identificar estigmas associados à profissão docente, limitações do mercado de trabalho e possíveis falhas na comunicação entre o Ensino Médio e o Ensino Superior, que influenciam as escolhas dos jovens. Os resultados fornecem uma base para o desenvolvimento de estratégias institucionais que visam a valorização e o incentivo ao curso de Letras.

A percepção dos estudantes sobre a carreira docente nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura demonstrou certo distanciamento ou neutralidade: 38 alunos (32,2%) responderam de forma neutra, enquanto 29 (24,6%) a consideraram atrativa, 19 (16,1%) disseram não a achar atrativa, 18 (15,3%) julgaram muito atrativa, e 14 (11,9%) consideraram pouco atrativa.

Ao serem perguntados se acreditam que o Curso de Licenciatura em Letras oferece boas oportunidades no mercado de trabalho 56 (47,5%) responderam “algumas oportunidades”, 48 (40,7%) disseram “sim, muitas oportunidades”, 12 (10,2%) disseram que “poucas oportunidades” e 2 (1,7%) nenhuma oportunidade. Quando perguntados se consideram a formação de professores uma profissão valorizada na sociedade 58 (49,2%) disseram que não, 36 (30,5%) referiram que sim e 24 (20,3%) não souberam opinar.

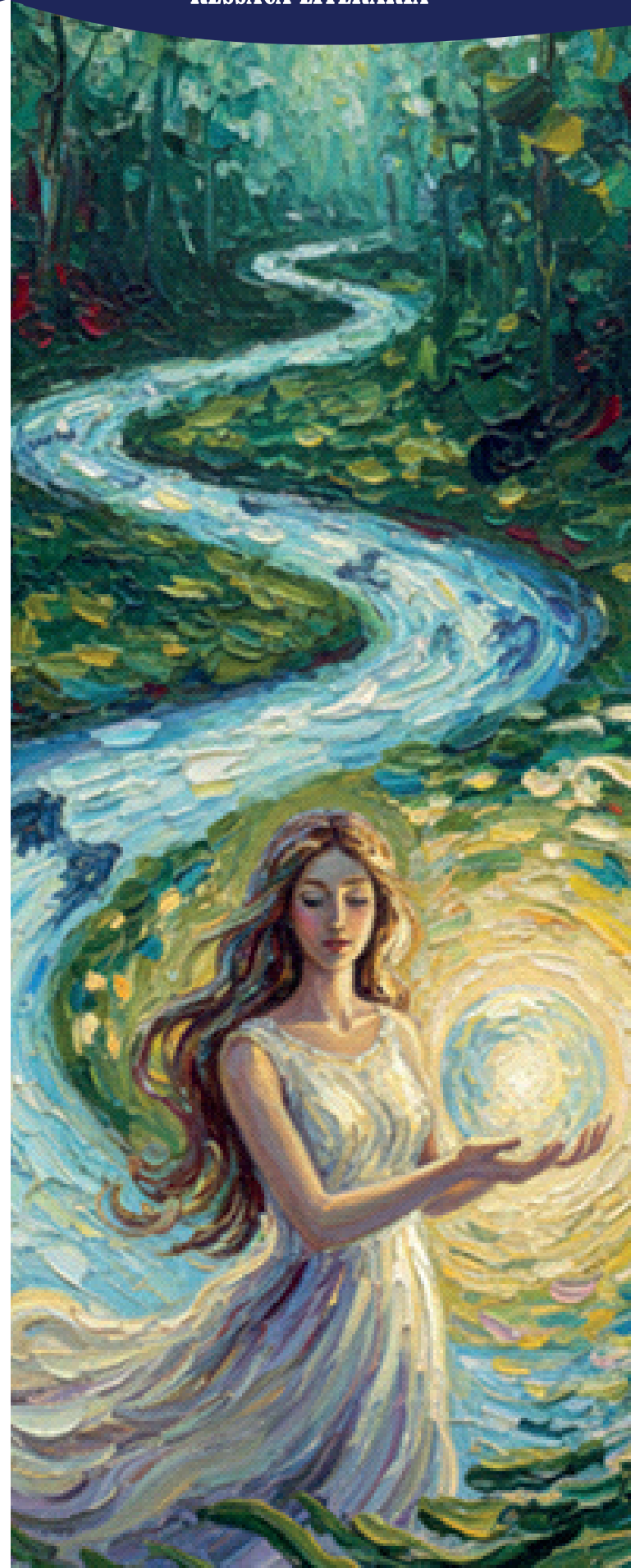
A análise dos dados coletados evidenciou um cenário complexo e multifatorial acerca do desinteresse dos alunos do Ensino Médio pelo Curso de Licenciatura em Letras da UnirG. A percepção dos estudantes sobre o Curso de Letras e a carreira

docente se mostrou, em muitos casos, marcada por neutralidade ou distanciamento. Um dado revelador é que metade dos respondentes sequer havia ouvido falar sobre o curso, e apenas uma parcela menor o considerou atrativo. Isso aponta uma possível lacuna na divulgação institucional do curso e na orientação vocacional durante o Ensino Médio.

Além disso, os fatores mais determinantes na escolha de um curso superior — como o reconhecimento no mercado de trabalho, vocação e remuneração — revelam-se pouco associados à imagem atual do Curso de Letras. A maioria dos estudantes acredita que a formação oferece apenas algumas oportunidades no mercado de trabalho e não vê a profissão docente como valorizada pela sociedade. A remuneração, por sua vez, foi citada como o maior incentivo para que o curso se tornasse mais atrativo.

Outro ponto crítico é a ausência de informações sobre o curso no ambiente escolar. Quase metade dos estudantes declarou não ter recebido informações suficientes sobre a Licenciatura em Letras, e mais de dois terços nunca participaram de eventos ou palestras da UnirG sobre os cursos oferecidos — o que pode contribuir diretamente para o desconhecimento e o consequente desinteresse.

Por fim, quando perguntados sobre os principais motivos para não considerarem o curso, os estudantes apontaram, majoritariamente, a falta de interesse pela área, preferência por outras áreas do conhecimento, a desvalorização da carreira docente e a falta de informações como fatores decisivos.



ONDAS DE POESIA

A Bruxa

Brunno de Sousa Silva

Verdes folhas densas
Feito grossas pinceladas de tinta
Desdenham de quem pensa
Que destrói a feitura aberta
Da fauna-e-flora, erguida há tanto
E são séculos de magia ferida —

O bom cristão me disse:
Pertence a floresta a satã,
O mundo e tudo que nele habita
Jaz sobre a asa escura de um anjo mal
Atroz solar estrela
A infundir dor e pecado em cada partícula

Diz, porque não
Nesta paisagem plural arfante (verdejante)
Descendo um rio de cristal, esse reflexo da
maldição natural
O barco, a bruxa que escapa
Não deveria sentir-se em casa?
Descendo a correnteza, essa mulher
Aradia, face de um anjo cordial
Jovial figura desperta, cujo movimento das
águas e folhas
Se dobram em direção a ela
Segura sobre as mãos pálidas, abertas
dobradas
Ao pendor da grande bola de cristal

Ela come o mundo, feito olho de furacão
Distorce a vista, retorna aquela velha visão —
Eis um jardim de primícias, devolvido
Ao Deus de uma antiga canção.

**Tempo**

Jhennifer Silva Carvalho

O que fazer com meus olhos que ao ver o passar
prolongado do tempo
Resolveu enlouquecer a mente... ao ponto de
doente?!
E a mente, acelerar o coração a cada recordação de
bons momentos...
O que fazer, para deixar para trás, tais
pensamentos?
Em monitorar o passar constante das horas sem ver
evolução...
Qual seria a solução?
Uma linha tênue entre convencer o coração de
desistir
E fortalecer a mente para continuar tentando
Correndo atrás de um plano...
Um sonho.
Sacrifícios constantes de escolhas distantes.

A Escolha É 20

Alessandro Pereira Camargo Junior

20 talvez seja meu número da sorte
Me preparei e até mesmo alinhei meu corte
Minhas emoções entraram em confronto
Pois afinal 20 foi o dia do nosso primeiro
encontro
Pra muitos o amor não existe
Pra mim ele é mais do que real
Alguns pensam que isso é "breguice"
Eu só penso em como você é surreal
Essa emoção traz coisas sem sentido
Às vezes parece que você é a dona do poder
Em algum momento eu estive perdido
Faço até o que não gosto se eu estiver com você
Sempre pensei que amar era um sentimento
E que esse sentimento no final me traria um
ferimento
Na verdade, amar é uma escolha com a que
sempre vou viver
E então percebi que em todas as minhas vidas
eu escolherei você!

**PRODUÇÃO ACADÊMICA****FATORES QUE INFLUENCIAM O DESINTERESSE DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO PELO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS NA UNIVERSIDADE DE GURUPI**Lorrane Ferreira da Silva¹Mateus Conceição Alves Carvalho²

Acadêmicos do Curso de Letras da Universidade de Gurupi - UnirG

A escolha por cursos de licenciatura, particularmente na área de Letras, tem enfrentado uma crescente baixa procura entre os egressos do Ensino Médio, refletindo um desinteresse pela formação docente. Este fenômeno está relacionado a uma série de fatores, entre os quais se destacam a percepção negativa da profissão docente, a desvalorização social e econômica da carreira e as limitações do mercado de trabalho. Lima (2018) ressalta que a formação de professores é fundamental para a qualidade do ensino, sendo diretamente ligada ao desenvolvimento educacional no Brasil. Nesse sentido, a escassez de candidatos para cursos como a Licenciatura em Letras gera lacunas no sistema educacional, impactando áreas

essenciais como Língua Portuguesa e Literatura, que desempenham papel crucial no letramento e no desenvolvimento crítico dos estudantes.

Tendo como objetivo identificar os fatores que contribuem para essa baixa demanda pelo curso de Licenciatura em Letras na Universidade de Gurupi (UnirG), investigando as percepções e expectativas dos estudantes do Ensino Médio em relação a essa carreira, uma pesquisa, combinando abordagens qualitativa e quantitativa, foi realizada com aproximadamente 200 estudantes, por meio de entrevistas semidirigidas e questionários previamente elaborados, com base em critérios de inclusão e exclusão. A coleta de dados ocorreu entre

sociais (BUTLER, 1990). Joan cumpre o papel esperado da “esposa perfeita”, ocultando sua identidade criativa e reduzindo sua escrita a um ato clandestino, privado de legitimidade.

O condicionamento da subjetividade feminina pelas estruturas patriarcais também é evidenciado. Nos *flashbacks*, observa-se como a autoestima literária de Joan foi sabotada por discursos desestimulantes, como o de uma professora que afirma: “os homens não leem mulheres”. Tal processo dialoga com as formulações de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949), quando sustenta que a mulher foi historicamente construída como o “outro” do homem, privada de essência própria e definida em função dele. Joan encarna, assim, a mulher que abdica de si para sustentar a imagem de um gênio masculino.

O preço subjetivo dessa renúncia é dramatizado pela oscilação da protagonista entre amor e ressentimento, lealdade conjugal e dor da invisibilidade. A fachada pública de equilíbrio esconde uma dinâmica profundamente desigual, que dramatiza a exigência social de apoio, silêncio e sacrifício da mulher. Trata-se, portanto, de um cárcere simbólico sustentado pelas aparências.

A Esposa apresenta-se, assim, como

uma obra de grande relevância crítica e simbólica. A direção contida de Runge valoriza os silêncios e gestos mínimos, enquanto a interpretação de Glenn Close confere densidade emocional à personagem, transmitindo a repressão e a ambivalência de uma vida criativa negada. Mais do que um drama íntimo, o filme propõe uma reflexão sobre a autoria feminina, a revisão crítica do cânone literário e a necessidade de escutar vozes historicamente silenciadas (WOOLF, 1929; BEAUVOIR, 1949; BUTLER, 1990). Ao problematizar a desigualdade de gênero no espaço artístico, a obra tensiona as noções tradicionais de autoria e genialidade, evidenciando a injustiça simbólica que ainda marca a produção cultural contemporânea.



Referência Bibliográfica

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RUNGE, Björn (Direção). *A Esposa (The Wife)*. [Filme]. Inglaterra; Escócia; Suécia; EUA: Meta Film, 2017.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLITZER, Meg. *The Wife*. New York: Scribner, 2003.



Quando Simone de Beauvoir escreveu o livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1949, sua intenção inicial não era liderar um movimento feminista, mas investigar filosoficamente a condição da mulher na sociedade. Influenciada pelo existencialismo — corrente filosófica muito associada a Jean-Paul Sartre — Beauvoir queria entender por que, historicamente, as mulheres eram colocadas em posição de inferioridade em relação aos homens. No livro, ela analisa aspectos históricos, culturais, biológicos e sociais para explicar essa desigualdade. É nessa obra que aparece uma das frases mais famosas da filosofia contemporânea: “não se nasce mulher, torna-se mulher”.



Ah, O Amor!

Nicolas Gabriel Pereira De Paula

Ah, o amor, que chega de mansinho,
Sem que ninguém sequer veja,
Despontando num gesto de carinho,
Até que se perceba: ah, é amor.
Ah, o amor que faz os olhos brilharem,
Que faz o coração pulsar mais forte,
Que entrelaça os fios de mãos e de olhares,
Até que se perceba: ah, é amor.
Ah, o amor, tantas vezes proibido,
Que às vezes precisa ser escondido,
Mas que resiste, luta para ser vivido,
E no fim, sempre vence — ah, o amor.
Ah, o amor que se mostra de tantas formas,
Que para surgir, não tem lugar nem hora,
Ele simplesmente acontece,
E ninguém consegue impedir — ah o amor.
Ah, o amor que também gera partidas,
Que traz tristeza, lágrimas contidas,
Nem sempre celebrado, nem sempre visto,
Mas sempre presente no cotidiano — o amor.
Ah, o amor que para muitos é inexistente,
Para outros, coisa só de carente,
Mas se olhar ao redor, a gente percebe,
Que está cercado de coisas dele — o amor.

Inícios e Fins

Lorrane Ferreira

Inícios e fins,
a vida acontece aqui e agora.
Ao andar da carruagem,
contemplamos a paisagem.
Imersos na eternidade do presente,
Com reflexos do que passou
E esperanças do que virá...
Mas sempre presente,
no aqui e no agora.
Sempre começando algo novo
Sempre vivendo algum desfecho,
desse plano terreno.
Sempre, vivendo.

Meu amor Atlântico

Douglas Galvão

Um faroleiro solitário, sob a luz do luar,
Na brisa do Atlântico, começou a amar.
Cabelos de maré, sereia do encanto,
Em busca de uma musa, seu coração é seu canto.

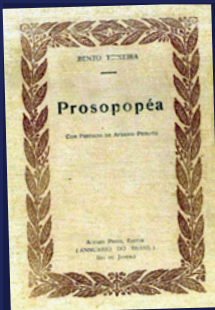
No coração do oceano, mistérios a brilhar,
Nove corações pulsando, segredos do mar.
Navios que desapareceram, tragédias a ecoar,
Histórias de marinheiros que nunca voltaram a amar.

A boca ardendo em brasa, como fogo a queimar,
Navegando sobre as ondas, disposto a amar.
A curiosidade o guia, como um farol a brilhar,
No amanhecer radiante, ele sente alcançar.

Entre luzes e sombras, a noite a abraçar,
Ele sabia que a rainha, em seu reino a vagar,
Escondida nas profundezas, dançava em seu lar,
Enquanto o faroleiro, firme, a amar.

Sobre o balão do tempo, com coragem a guiar,
Ele enfrentava tempestades, não temia o mar.
No despertar do dia, com o sol a iluminar,
Cada onda que quebrava trazia um novo olhar.

Um canto de sereia, na brisa a flutuar,
Promessas de um amor que o fazia sonhar.
Pois a musa dos mares, em seu mistério a girar,
Um dia, ele sabe, ele vai encontrar.

Você sabia?

Bento Teixeira, poeta luso-brasileiro de contornos biográficos imprecisos, inscreve seu nome na história literária sobretudo pela autoria de *Prosopopeia*, publicada em Lisboa, em 1601. A obra, de feição épica e forte filiação camoniana, celebra as façanhas de Jorge de Albuquerque Coelho, então governador da Capitania de Pernambuco, elevando-o à condição de herói digno da tradição clássica.

Considerada por parte significativa da crítica como marco inaugural do Barroco na literatura produzida no Brasil, *Prosopopeia* articula o elogio político à elaboração retórica característica do período, explorando recursos como a exaltação heroica, a mitologia e a linguagem ornamentada.

Se, por um lado, o poema lhe assegura lugar na historiografia literária, por outro, a figura de Bento Teixeira permanece envolta em lacunas documentais. Sabe-se que estudou no colégio da Bahia, onde também lecionou, antes de se transferir para Pernambuco. Sua trajetória, contudo, é atravessada por episódios controversos, entre eles o assassinato da esposa, fato que o teria levado a buscar refúgio na capitania pernambucana. Entre sombras biográficas e ambição épica, Bento Teixeira figura como personagem singular do primeiro momento da literatura colonial brasileira.

TEORIA LITERÁRIA**A AUTORIA SILENCIADA: O APAGAMENTO DA ESCRITA FEMININA EM 'A ESPOSA'**

Profa. Me. Maria Wellitania Oliveira



O filme *A Esposa* (*The Wife*, 2017), dirigido por Björn Runge e inspirado no romance homônimo de Meg Wolitzer, constitui um drama psicológico que problematiza as tensões entre gênero, autoria e poder no âmbito conjugal e literário. A narrativa acompanha Joan Castleman (Glenn Close), esposa do renomado escritor Joe Castleman (Jonathan Pryce), durante a viagem a Estocolmo para a cerimônia do Prêmio Nobel de Literatura. Nesse percurso, são revelados os segredos que sustentam a carreira de Joe, desvelando que o prestígio atribuído ao marido repousa, na verdade, sobre a produção criativa de Joan, mantida em condição de anonimato.

Um dos eixos centrais do filme é a denúncia do apagamento histórico das mulheres na literatura e nas artes. Joan, embora escritora talentosa, é induzida a acreditar que sua obra só teria legitimidade se publicada sob o nome de um homem. Esse

enredo revela o sexismo estrutural que permeia as instituições culturais e ecoa as reflexões de Virginia Woolf, que já em *Um Teto Todo Seu* (1929) denunciava a ausência de espaço legítimo para a expressão artística feminina. A personagem simboliza, portanto, a escritora silenciada, cuja produção não alcança o reconhecimento público, ainda que seja o alicerce de um “gênio” literário celebrado.

A invisibilidade de Joan não é apenas social, mas também subjetiva, implicando a renúncia à própria autonomia criativa. O longa expõe a fragilidade da noção de autoria quando atravessada por relações de poder, já que o reconhecimento simbólico — corporificado pelo Nobel — é concedido ao nome masculino. Esse apagamento pode ser interpretado a partir da teoria da performatividade de gênero de Judith Butler, segundo a qual a identidade é construída por meio da repetição de normas

para mim, especialmente na poesia. Durante uma fase da minha infância, morei na casa dele e pude acompanhar de perto sua rotina. Todos os dias, bem cedo, ele acordava religiosamente e ia para o escritório escrever poesias. Observá-lo nesse processo me despertou um interesse enorme. Foi ali, vendo-o escrever diariamente, que aprendi a criar minhas próprias poesias. Na adolescência, quando comecei a escrever como forma de desabafo, percebi que a poesia era a melhor maneira de expressar meus sentimentos e descrever tudo o que eu estava vivendo. Meu avô sempre teve produções literárias muito significativas. Entre as suas obras, está Versos e Amores da Minha Vida, um livro em que ele fala sobre os amores que marcaram sua trajetória, a família, os afetos e as memórias. Outro trabalho bastante conhecido na nossa cidade é o Lendário Gurupi, em que ele retrata a história local. Esses livros mostram não só o talento dele, mas também a forma como ele inspirou tantas pessoas, inclusive a mim.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Quem são seus autores favoritos?

VIVIAN RIBEIRO (VR): Priorizo sempre a literatura nacional. Clarice Lispector é minha grande referência, especialmente com A Hora da Estrela. Também indico Jorge Amado, com Gabriela, Cravo e Canela, que considero um clássico atemporal. Entre estrangeiros, destaco Jane Austen e Dan Brown, cada um com suas contribuições únicas para a literatura.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Quais são seus próximos projetos literários?

VIVIAN RIBEIRO (VR): Já estou escrevendo meu segundo livro, que pretendo lançar no próximo ano. Ele abordará a vivência e as questões da comunidade LGBT, em formato de diário, com o objetivo de acolher e representar essas vozes. Assim como em minha primeira obra, quero transmitir a mensagem de que ninguém está sozinho.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Gostaria de deixar uma mensagem final?

VIVIAN RIBEIRO (VR): Quero agradecer

o espaço e reforçar o convite para que os jovens participem da Academia. Estamos promovendo um lançamento coletivo de livros e todos são bem-vindos. A literatura é nossa voz, nossa cultura, e precisa ser vivida em comunidade.



NO CAMINHO DA PROSA



E SE AS BORBOLETAS VIRASSEM PÓ?

Luana Marques Amorim

Flores favoritas? Dentes-de-leão. Eles simplesmente sempre estiveram ali, ao seu redor. Incontáveis vezes fora surpreendida pelas leves pétalas, que mais parecem plumas, flutuando em sua direção. Gostava bastante da cor possuída pelas delicadas flores, o branco tão suave que a lembrava da tranquilidade da neve e a neve tão tranquila que a lembrava de um certo alguém.

As carícias amáveis oferecidas por ele a ela, o jeito manhoso de falar e a forma como sentia-se flutuante só de estar perto de quem tanto ama — sentia-se feliz, sentia-se livre, sentia-se viva. Os dentes-de-leão

marcaram, novamente, um ótimo momento de sua vida, momento esse regado de amor e esperança, mas banhado na sombra do medo.

Não havia nada capaz de explicar a sensação das borboletas, que ao contrário do que é dito, não pareciam estar somente em seu estômago, mas em todo o seu ser. Tudo se resumia a ele, nada se comparava a ele, e em certo momento jurou que se teria alguém para amar esse alguém seria ele.

Por um longo tempo as borboletas que sentia foram seu maior pesadelo, não porque eram ruins de serem sentidas, mas porque eram boas, boas demais. Amava senti-las, amava senti-lo. E isso era

aterrorizante — borboletas não são imortais. E o que seria de si, totalmente entregue, quando essas borboletas virassem pó? A sombra do medo se tornou tão grande que a engoliu. Se afogou, sem notar, no amor e esperança nos quais fora regada. Viu suas amadas flores murcharem, numa lenta tortura, e não havia sol nenhum capaz de revivê-las.

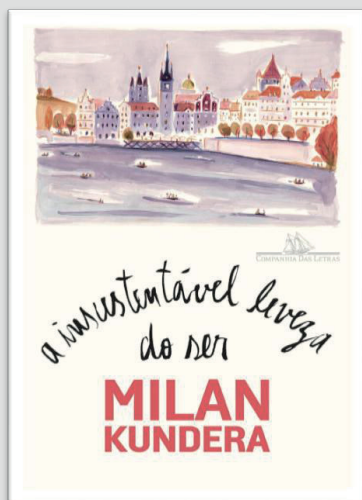
Procurou sem fim por seus amados dentes-de-leão, sem sucesso. Procurou a si mesma em cada reflexo encontrado, e como esperado, sem sucesso. Havia, porém, certa coisa que conseguia encontrar sem nem mesmo procurar e sem fazer esforço algum, ela o encontrava em todo lugar. E não importava onde estivesse, muito menos como estivesse, ela sempre encontraria um vislumbre da melódica dança que, por um eterno instante, dançou com ele. Questionou a si mesma na falha tentativa de compreender e chegou à conclusão que a autossabotagem é um doce romance — tão doce ao ponto de envenenar seu sangue e dominar seu ser tal qual uma doença.

Era mesmo válido se sabotar tanto assim? Quantas vezes viu-se perdendo oportunidades e desfazendo feitos incríveis apenas por acreditar não ser válida o suficiente. Sempre julgou traição e aqui se

encontra: traiu seu próprio amor ao se envolver num doce romance com uma certa paranoia. E se ela realmente não fosse válida? O que há de errado nisso? Qual o valor dos valores, afinal? Iria continuar assim até o fim de sua vida, que certamente seria solitária e sem feitos? E se estivesse matando, aos poucos, pequenas e intrínsecas partes de si por puro medo? E se quem transformasse as borboletas em pó fosse nada e ninguém além de si mesma?

Observava-o todos os dias e se perdia no mar de memórias que construíram juntos — as manhãs serenas, as serenatas noturnas. Tudo ainda estava ali; as borboletas ainda estavam ali, mesmo que forçando voo no olho de um furacão. Os dentes-de-leão, conhecidos por sempre flutuarem para longe, ainda estavam ali, prontos para receberem um novo pedido. Amava os dentes-de-leão porque eles faziam com que ela lembrasse dele. Não percebeu quando seu olhar de maresia se encontrou com os olhos ônix do outro lado — parecia tão belo, e tudo em relação aos dois se resumia a uma beleza etérea.

Amava o flutuar das pétalas dos dentes-de-leão, mas deveria mesmo deixá-las escapar para longe, sem sequer tentar ter seu maior desejo mais uma vez?



A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER, DE MILAN KUNDERA

MARULHOS LITERÁRIOS INDICAÇÕES DE LEITURA

Publicado em 1984, *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera, entrelaça romance, filosofia e crítica social ao explorar a dualidade entre leveza e peso na existência humana. A trama acompanha Tomas, um cirurgião mulherengo; Tereza, sua esposa sensível; Sabina, uma artista independente; e Franz, um acadêmico idealista, cujas vidas se cruzam em relações de desejo, amor e desencontros. Em meio à repressão política da Tchecoslováquia comunista, os personagens enfrentam dilemas sobre liberdade, destino e pertencimento. Kundera transforma suas experiências íntimas em reflexões universais, criando uma obra densa e poética sobre o sentido da vida e a complexidade das escolhas humanas.

VIVIAN RIBEIRO (VR): O maior desafio foi, sem dúvida, conseguir publicá-lo. O mercado editorial é caro e, como jovem iniciante, eu não tinha recursos. Por isso, optei pelo lançamento independente: editei, revisei e diagramei o livro sozinha, pesquisando muito para entregar qualidade. Conto com a colaboração de uma amiga, também estudante da UNIRG, que fez a capa. O restante foi fruto de muito esforço pessoal. A maior alegria, por outro lado, foi lançar a obra no dia do meu aniversário de 22 anos, unindo duas datas importantes. Publicá-lo foi como dar vida a um filho, resultado de seis anos de dedicação, experiências, superações e amadurecimento.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Como surgiu o convite para assumir a presidência da Academia de Letras Infantojuvenil de Gurupi?

VIVIAN RIBEIRO (VR): O convite surgiu da necessidade de movimentar a Academia, que é uma grande riqueza cultural da cidade, mas pouco conhecida. Sempre acreditei na importância de valorizar a literatura local e, especialmente, de criar espaço para jovens escritores. Conversei com membros como Genilson e José Maciel, que reconheceram meu interesse em fortalecer a instituição. Assim, assumi a presidência com imensa honra.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Qual é o papel da Academia no incentivo à leitura e à escrita entre crianças e jovens?

VIVIAN RIBEIRO (VR): A Academia tem um papel essencial: incentivar e valorizar a literatura gurupiense. Nosso objetivo é aproximar escolas, instituições e jovens, promovendo atividades que despertem o interesse pela leitura e pela escrita. Estamos de portas abertas à comunidade, tanto para apresentar obras literárias quanto para fortalecer a produção da literatura local.



RESSACA LITERÁRIA (RL): Que projetos você pretende implementar à frente da Academia?

VIVIAN RIBEIRO (VR): Tenho muitos projetos em mente. Um deles é criar um clube de leitura com universitários e jovens, formando uma comunidade literária ativa. Também desejo promover saraus literários temáticos ao longo do ano. Atualmente, estamos organizando lançamentos coletivos de livros, abertos ao público, em parceria com o SESC. Essa iniciativa acolhe escritores iniciantes, oferecendo espaço e visibilidade.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Qual a importância de Gurupi como cenário para novos talentos literários?

VIVIAN RIBEIRO (VR): É de grande importância. Como iniciante, sei o quanto é difícil trilhar esse caminho sozinha. A Academia conecta jovens autores a escritores experientes e a oportunidades, oferecendo acolhimento e incentivo. Esse apoio é essencial para o crescimento da literatura local.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Que conselhos você daria para crianças e adolescentes que sonham em ser escritores?

VIVIAN RIBEIRO (VR): O mais importante é começar. Não pense, inicialmente, em como publicar ou nas dificuldades financeiras. Pegue papel e caneta e escreva. Quanto mais escrever, mais você evolui. Depois, busque estudar, pesquisar e aprimorar sua escrita. Mas o primeiro passo é sempre escrever.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Vivian, conta para a gente sobre a influência do seu avô Roberto José Ribeiro na sua trajetória como escritora.

VIVIAN RIBEIRO (VR): Sim, meu avô, Roberto José Ribeiro, conhecido por muitos como Robertão, foi uma grande inspiração

ENTREVISTA



Vivian Maluf fala sobre literatura, juventude e o papel da Academia de Letras Infantojuvenil de Gurupi

Entrevista realizada por Wideflany Alves Pires

RESSACA LITERÁRIA (RL): Como nasceu seu interesse pela literatura e quais foram as suas primeiras inspirações como escritora?

VIVIAN RIBEIRO (VR): Meu interesse pela literatura começou de forma muito genuína. Quando eu ainda era só uma criancinha, por influência da minha mãe. Todos os dias, antes de dormir, ela me colocava na cama e lia para mim. Com o tempo, comecei a criar minhas próprias histórias e contava para ela. Acho que tudo nasceu desse hábito tão especial. Mesmo naquele momento de descanso, quando eu ia dormir, ela fazia questão de ler para mim religiosamente, todos os dias. Já era uma tradição, e eu mesma cobrava para que não faltasse. Eu amava esse momento e ele foi fundamental para despertar em mim a paixão pela literatura.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Qual foi o processo de criação do seu primeiro livro? Você pode compartilhar o tema e a mensagem principal da obra?

VIVIAN RIBEIRO (VR): O processo de criação do meu livro foi muito especial. Comecei a escrever aos 16 anos, em uma fase turbulenta da adolescência, em que lidava com ansiedade e momentos de tristeza. A poesia surgiu como uma forma de desabafo e me ajudou muito. Com o tempo, percebi que aqueles poemas poderiam não apenas me confortar, mas também acolher outras pessoas que passavam pelas mesmas situações. Assim nasceu *Diário da Jovem do Século XXI*, que reúne pensamentos e sentimentos de uma jovem em meio aos desafios de viver no século XXI. O livro aborda temas como ansiedade, depressão, a chamada “crise dos 20”, feminismo e a experiência de ser mulher. A mensagem central é simples e poderosa: você não está sozinho. Minha intenção sempre foi oferecer um abraço literário a quem lê.

RESSACA LITERÁRIA (RL): Quais foram os maiores desafios e alegrias ao publicar o livro sendo uma jovem escritora?



PROSA POÉTICA EM FLUXO DE CONSCIÊNCIA EXISTENCIAL

Ana Paula Soares Marinho

Se envenenava, lentamente, com os mais imperceptíveis objetos. Se alimentava de amores violentos, bebia de amigadas ácidas, respirava a mais pura nicotina contida no vício de se destruir. Preservação nunca foi seu forte.

Tomava algumas doses de saudade do que nunca havia sido, enquanto sentia o gosto alcoólico dela queimar por dentro e ansiava pelo ardor do presente fora do passado. Escrevia versos sem palavras, letras vazias sem significado, frases incompletas sem complexidade e apreciava a falta de profundidade do seu ser. Ser raso dói menos.

Caminhava, vagarosamente, medindo seus passos para caber nos mais apertados espaços, em busca de aceitação. Assim se diminuía, para se encaixar em ciclos pequenos e bolhas nada transparentes, a visão turva através delas não permitia enxergar o que há além. Ser lúcido nunca o fez sentir menos.

Saboreava dos mais amargos medos e escondia seus desejos por medo de serem doces demais. Esquentava o corpo esfriando

suas relações e fugia tentando se encontrar. Mas sequer sabia se estava perdido. Nunca havia se dado bem com mapas.

Beirava os mais diversos abismos, sempre segurando o corrimão. Caminhava na corda bamba pendendo sempre para o lado sutil da queda livre em sentimentos fúteis. Se soltar de si não é tarefa fácil. Permeava a noite clara no vazio do silêncio enquanto seu grito interno ensurdecia seu coração mudo. Atingia, sem efeito, sua solidão acompanhada de suas fraquezas. Fortalecia-se pela ideia de sempre suportar o insuportável. Jubilava a melancolia presente no anseio de estar bem, existir, respirar, aceitar. Viver.

Então, esqueceu de ser quem havia planejado milimetricamente em seus mais desejados sonhos. Perdeu-se no meio do caminho de se encontrar. Desfez seus passos lentos e apressou-se para sair de si. Respirar nunca foi tão fácil.

Vomitou todos os crimes que cometia contra si em uma vala profunda e enterrou seu antigo eu ali mesmo. Transformou sua cegueira em viagem e saiu

das amarras que ele mesmo havia atado em si. Tirou os joelhos do cascalho pelas preces que rezava a si mesmo e se viu como um deus livre. Andar nunca foi tão simples.

Percorreu a beira do abismo em passos bêbados de alegria em caber em si. Expulsou-se de todos os becos que um dia havia se forçado a entrar e caber. Deu adeus a todos os pré-conceitos que possuía sobre a solidão, enquanto ela se transmutava em solidude e o ensinava a degustar mais de si. Se abraçar nunca foi tão grande.

Pairou no ar por minutos após a queda livre. Espiou as janelas do prédio o qual havia se atirado e sentiu o prazer em existir fora deles. Apertados, abarrotados de falsa satisfação. Voar nunca foi tão lindo.

Abandonou o vício em ser além do que esperavam e se contentou no além-eu, além-si. Parou de suportar o peso de si mesmo em suas costas e se deixou levar pelo vento. Esqueceu da melancolia de existir e tornou a existência sua melhor amiga. Viver nunca foi tão bom.

Desprendeu-se da ideia do bem-estar imposto aos seus limites e entendeu a alegria na sutileza de ser, inspirar, renegar. Morrer.

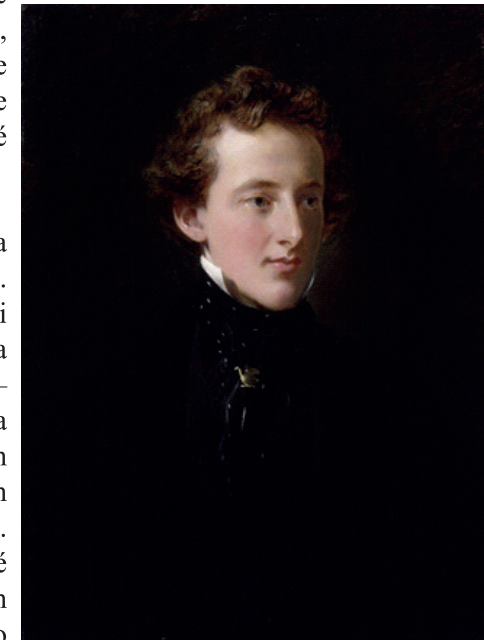


A pintura *Ofélia* (1851–1852), de Sir John Everett Millais, tornou-se uma das representações mais emblemáticas do movimento pré-rafaelita. A cena captura um dos momentos mais trágicos da literatura shakespeariana: o instante em que Ofélia, enlouquecida pela morte de seu pai e pela rejeição de Hamlet, desliza pelo rio até se afogar.

O impacto da tela vai além da beleza estética. Millais reconstrói minuciosamente a natureza em torno da personagem — cada flor, cada folha e cada reflexo da água foram estudados e pintados com fidelidade quase científica. Esse realismo não é gratuito: a vegetação tem valor simbólico, remetendo à fragilidade da vida e à condição de Ofélia, sempre à beira da ruptura. O naturalismo da cena contrasta com a artificialidade da sociedade que a silencia, transformando a paisagem em espelho da

interioridade da personagem.

Na literatura, Ofélia é um dos arquétipos mais fortes da figura feminina trágica. Shakespeare lhe dá voz em delírios poéticos que, paradoxalmente, só emergem quando ela perde a razão. Millais traduz esse mesmo paradoxo visualmente: o corpo inerte flutua em harmonia com a água, como se a morte fosse também um instante de beleza, quase de libertação.



Ao observar a tela lado a lado com o texto de Hamlet, percebemos como arte e literatura se completam. Shakespeare sugere em versos o canto interrompido de Ofélia, e Millais eterniza esse canto em silêncio, oferecendo à pintura uma dimensão narrativa. Ambas as linguagens se cruzam para

discutir temas universais — amor, loucura, perda, morte — mostrando que, em qualquer tempo ou suporte, a arte nos devolve à experiência humana em sua profundidade mais dolorosa e poética.

Meu amor Atlântico

Douglas Ferreira Galvão

Um farolito solitário, sob a luz do luar,
Na brisa do Atlântico, começou a amar.
Cabelos de maré, sereia do encanto,
Em busca de uma musa, seu coração é seu canto.

No coração do oceano, mistérios a brilhar,
Nove corações pulsando, segredos do mar.
Navios que desapareceram, tragédias a ecoar,
Histórias de marinheiros que nunca voltaram a amar.

A boca ardendo em brasa, como fogo a queimar,
Navegando sobre as ondas, disposto a amar.
A curiosidade o guia, como um farol a brilhar,
No amanhecer radiante, ele sente alcançar.

Entre luzes e sombras, a noite a abraçar,
Ele sabia que a rainha, em seu reino a vagar,
Escondida nas profundezas, dançava em seu lar,
Enquanto o faroleiro, firme, a amar.

Sobre o balão do tempo, com coragem a guiar,
Ele enfrentava tempestades, não temia o mar.
No despertar do dia, com o sol a iluminar,
Cada onda que quebrava trazia um novo olhar.

Um canto de sereia, na brisa a flutuar,
Promessas de um amor que o fazia sonhar.
Pois a musa dos mares, em seu mistério a girar,
Um dia, ele sabe, ele vai encontrar.

Você sabia?



Fernando Pessoa é, talvez, o mais plural dos escritores da língua portuguesa. Nascido em 1888, construiu uma obra que se desdobra em múltiplas vozes — não simples pseudônimos, mas verdadeiras entidades autorais, dotadas de biografia, estilo e visão de mundo próprios. Calcula-se que tenha criado mais de setenta nomes entre heterônimos, semi-heterônimos e outras assinaturas literárias, compondo um dos mais instigantes fenômenos da modernidade literária.

Entre essas figuras destacam-se Alberto Caeiro, o mestre bucólico da percepção imediata; Ricardo Reis, o poeta da medida clássica e da disciplina estoica; e Álvaro de Campos, engenheiro sensacionista, arrebatado pelas vertigens da modernidade. Cada um deles não apenas assina poemas, mas encarna uma cosmovisão distinta, com dicção, estética e até traços biográficos singulares.

Reservado, envolto em certo mistério e dono de hábitos excêntricos — como o de fumar compulsivamente —, Pessoa fez da fragmentação do eu o núcleo de sua poética. Seus heterônimos não são máscaras ocasionais, mas expressões radicais da multiplicidade do sujeito moderno. Assim, sua obra permanece a desafiar leitores no mundo inteiro, ao transformar a identidade em exercício literário e a autoria em território de permanente reinvenção.

ARTE COMO REFLEXÃO



OFÉLIA, DE SIR JOHN EVERETT MILLAIS

Especificações da obra

Título: Ofélia
 Artista: Sir John Everett Millais (1829–1896)
 Data: 1851–1852
 Técnica: Óleo sobre tela
 Dimensões: 76,2 × 111,8 cm
 Localização: Tate Britain, Londres

SOBRE REINOS MÁGICOS

Jhennifer Silva Carvalho



Em algum lugar no interior de Goiás...
 Na completa escuridão!
 É assim que uma criança se sente ao
 perder alguém tão importante!

No começo, a informação não é muito
 bem processada, provavelmente, também não
 será no meio..., mas o fim... há o fim, ele destrói.

As boas lembranças são várias. Entre
 elas, contar os dias para o final de semana e uma
 nova aventura, eram as suas favoritas.

Ali, entre aqueles muros, tudo era
 mágico. Com castelos, reis, rainhas, buscando
 educar seus filhos enquanto eles aprendiam a
 governar um reino que no futuro seria a herança
 deixada por gerações afins. Tinham até mesmo
 uma mascote, a Ursa Real de Diamante Negro –
 uma cachorra de médio porte, chamada Suzi.

O rei vivia com seu manto sagrado e
 mágico feito de pele de urso marrom, dando
 ordens para lá e para cá e a rainha, não precisava
 de uma capa, seus enormes cabelos negros já
 eram o seu véu que a protegia do mal, entretanto,
 em algum momento, ela começou a andar para
 todo canto com uma coroa de prata – feita de
 papel e pintada de lápis prateado.

Ela dizia que aquela coroa a deixava
 mais forte do que o rei, embora ele não
 concordasse.

Essa discussão levava as crianças a
 darem uma pausa no reino encantado e

começarem a discutir, às vezes alguém chorava,
 tapas rolavam e a Rainha Mor, de todo aquele
 planeta, aparecia para colocar ordem nas coisas,
 então, o reino encantado era reiniciado e tudo
 voltava ao normal.

A rainha, possuía o costume de educar
 seus filhos em casa, às vezes o rei também
 aparecia, só que não costumava dar muito certo,
 as crianças estavam se tornando rebeldes e
 mimadas, a rainha vivia se perguntando em qual
 período dos anos ela errou com aqueles
 pestinhas... talvez o erro tenha sido deixar que as
 crianças mantivessem contato com seus primos
 mais velhos do Reino Tão, Tão Distante – Sim,
 igual o reino da Fiona, eram crianças, não existia
 plágio. As crianças desse reino em específico,
 não faziam parte da corte celestial, era um pouco
 bagunçado, não é uma história para ser
 contada...

Um belo dia de sol escaldante, a Rainha
 Mor, precisou ir até a casa da sua irmã, que
 morava em outro reino bem perto do seu, e as
 crianças ficaram sozinhas com os seus primos,
 eles eram mais velhos, era de se imaginar que
 daria tudo certo, não é?

Daria certo, se os ditos primos, fizessem
 parte da corte celestial...

Nos fundos do castelo, se encontrava a
 casa dos camponeses que ajudavam a manter o
 castelo funcionando - também conhecido pelas
 crianças engraçadinhas de pobres escravos – por
 algum motivo que só a Rainha Mor sabia, a
 camponesa que morava exatamente ao fundo do
 castelo e tinha uma filha muito chata, não se
 dava bem com a família real, então ela acabou
 sendo afastada do seu cargo, embora tenha
 ficado na casa. O príncipe e a princesa possuíam
 a mania de ficar implicando com a pobre
 camponesa e em segredo, o rei a rainha também,
 mas naquele dia em específico, os primos
 estavam lá, isso significava que a implicância
 mudaria de ritmo e não um ritmo legal.

A camponesa estava lavando seus
 enormes lençóis brancos, à espera de seu amado
 marido enquanto escutava a todo vapor, músicas
 antigas de um pagode ruim.

Quem escutava pagode? Aquelas
 músicas haviam sido proibidas em todo reino, e
 com
 essa brecha de desordem, os primos e os filhos

rebeldes, resolveram agir... – tá, o rei e a rainha também entraram.

Talvez alguém tenha dito que os lençóis brancos precisavam de um pouco de cor e a cor do momento era terra vermelha, para ser mais específica, lama de terra vermelha...

Não preciso nem dizer que esse plano deu incrivelmente certo, até o primo mais velho cair do tanque e a rainha cair da mureta da área no terreiro lá embaixo. Obviamente, os que sobraram saíram correndo e ninguém ouviu falar deles por anos luz. Até meia hora depois quando foi confirmado pelo rei que a camponesa ainda não tinha visto nada e todos saírem em direção ao reino da Tia Rainha Mor, onde a Rainha Mor estava, como se nada tivesse acontecido.

É claro que mais tarde, eles descobriram que a camponesa se tratava de uma bruxa, houve um terremoto no reino, a Rainha Mor ficou muito brava e os primos foram expulsos do Reino encantado para sempre – o total de uma semana.

Além dessa, temos várias lembranças guardadas na caixa das memórias do Reino Encantado onde a Rainha Mor aparece, a maioria delas, em um lugar específico, um ranchinho no meio do nada, com sabor de doce de açúcar com ameixa, manga, caju, cajá e cheiro de terra molhada... e peixe, vários peixes...

Mas, um outro belo dia, os guardas do Reino Mágico, baixaram a guarda e a maior vilã de todas, entrou pelos portões enormes, a vilã de cara feia e roupa de feiticeira preta brilhante, se chamava, Vida Real.

O Reino Mágico foi destruído, sobrando apenas fragmentos perdidos flutuando pelos ares... A Ursa Diamante Negro, fora afetada nos pelos e seus diamantes se perderam no caminho, virando enormes pedaços de carvão; o rei e a rainha, foram tão fortemente abatidos que a rainha perdeu sua coroa e seus cabelos mágicos, e o rei, pobre coitado, sua capa fora rasgada na Grande Batalha; o príncipe e a princesa, não eram mais rebeldes, eram tristes; e os primos... os primos se calaram e obedeceram.

No dia 24 de novembro deste mesmo ano, fará 14 anos que a grande vilã passou destruindo sem dó nem piedade, o agora, inexistente, Reino Mágico.

Para aqueles da família real e os camponeses que conseguiram fugir, a Rainha Mor, que deu tudo para salvá-los, será sempre lembrada como a Rainha que melhor governou todos os reinos, mantendo-os, unidos.

Embora agora, os reinos não sejam mais em terras tão próximas, todos ainda permanecem ligados, pelo laço.

O Laço do Amor.

A república inteira num desespero só... Até que ele me chamou e pontuou de uma só vez:

“Está vendo isso?”

Mostrou-me a imagem mental de um campo florido.

“Eu quero ir até lá”.

Senti como um tremor na terra.

“Isto não pode ser!”

“Estou ordenando!”

“Mas isto eu não posso obedecer”

“Não vai me deixar ser livre?” — encarou-me num misto de raiva e desespero. Meu coração inflamou-se de medo e temor.

“Esta é a liberdade máxima, postulada pelo Senhor” — disse, estendendo os braços para abarcar a extensão do cubo.

Ficamos em silêncio. Observando um ao outro. Por fim, criei coragem para dar-lhe às costas e caminhar para longe, tentando esquecer o que ocorrera.

“Samael... Samael?” — chamou por mim outra vez. “Não vai me deixar ser livre?”

Ele repetiu a pergunta diversas vezes enquanto eu me distanciava, em vários tons de autoridade. Quando percebeu que eu não voltaria atrás, começou a suplicar e, em cada um daqueles pedidos, ficava um pouco mais do meu coração. Partido e endurecido pelo dever.

Quando assumi essa função, disseram-me que isso poderia acontecer; disseram que Ele próprio já havia estabelecido um protocolo, há muito tempo, antes, para esta

Carta a Dario

Por Mateus Conceição Alves Carvalho

Caro Dario,

Ao ler sua história, senti meu coração apertar e meus olhos marejaram. A cada linha, percebi o peso da solidão que você enfrentou, a ausência de mãos que o amparasse e a indiferença de tantos olhares que o transformaram em espetáculo.

Para mim, você não foi apenas um corpo abandonado na rua. Foi um homem com nome, idade, lembranças e sonhos, que merecia respeito, cuidado e dignidade. A multidão lhe negou isso, mas eu, ainda que tardiamente, quero lhe devolver o lugar de ser humano que nunca deveria ter sido apagado.

Escrevo estas palavras como gesto de solidariedade e memória. Que sua dor não seja esquecida, mas transformada em reflexão sobre a humanidade que tantas vezes se perde no tumulto da vida. Hoje, quero lhe dizer que você não está sozinho: eu o escuto, o nomeio e o acolho em minhas palavras.

Com respeito e compaixão.

A feira inteira parou...

Por Lorraine Ferreira

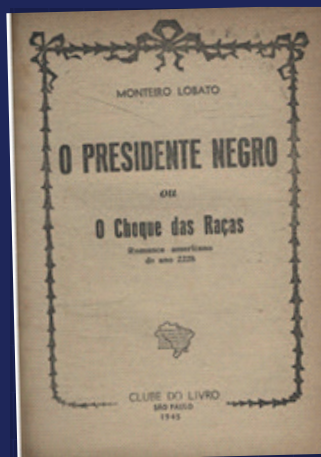
Era 9 horas da manhã na feira da cidade. Diversas pessoas, muita conversa, várias comidas, rotinas... todos andando de lá para cá, comprando, comendo, vendendo, correndo cada um com suas vidas, suas dores, seus amores.

E bem em meio a feira estava Dário, a andar como de costume sempre bem arrumado, cabelos alinhados e perfumado. Fora naquela manhã comprar pão fresquinho para sua esposa, mas mal sabia Dário que aquelas eram suas últimas horas de vida. Ninguém está preparado para isso, todos vivem suas vidas, planejam seus futuros, compram, vendem... mas ninguém sabe quando.

Dário ao sair com sua sacola de compras nas mãos, vai embora a caminho de casa, mas ao atravessar a rua não percebeu o carro que passava em alta velocidade. A feira inteira parou. O silêncio que não era costume naquele lugar se fez presente. Quem estava a caminho do trabalho parou para prestar socorro, quem estava ali comprando correu para chamar a ambulância... a rotina deu uma pausa e a vida de Dário chegou ao fim.

A vida estava acontecendo, mas a morte chegou em alta velocidade. Um sonho foi interrompido e o pão fresquinho naquela manhã não chegaria à mesa como de costume.

Você sabia?



O Choque das Raças, também publicado sob o título O Presidente Negro, ocupa lugar singular na trajetória de Monteiro Lobato por constituir sua única incursão no campo da ficção científica. Lançado em 1926, o romance projeta o leitor para um futuro distópico no qual disputas raciais e jogos de poder estruturam a organização política e social, transformando a narrativa em laboratório de tensões ideológicas.

Ao imaginar a ascensão de um presidente negro nos Estados Unidos do porvir, Lobato constrói uma trama que articula ciência, política e determinismo racial, expondo conflitos que dialogam diretamente com as inquietações de seu tempo. A obra mobiliza o recurso da antecipação futurista para refletir sobre racismo, desigualdade social e mecanismos de dominação, ao mesmo tempo em que evidencia as ambiguidades do pensamento do próprio autor.

Mais que um experimento literário isolado, o romance insere-se como peça provocadora no debate sobre liberdade, igualdade e justiça. O futuro ali delineado não é mera fantasia tecnológica, mas espelho crítico das estruturas de poder e das hierarquias raciais que moldavam, e ainda moldam, as sociedades modernas. Nesse sentido, O Choque das Raças permanece como leitura incontornável para compreender as complexas relações entre literatura, ideologia e imaginário social na tradição brasileira.

MENSAGENS PARA DARIO

O conto “Uma vela para Dario”, de Dalton Trevisan narra os últimos momentos de um personagem, que, após sentir-se mal na rua, é cercado por curiosos mais interessados no espetáculo da cena do que em socorrê-lo. Aos poucos, seus pertences desaparecem, enquanto ele morre lentamente, vítima da indiferença e do oportunismo alheio. Transformado em



Uma Carta para Dario

Por Márcia Ribeiro Ferreira

Caro Dario,

Hoje, ao passar pela mesma calçada onde você caiu, não consegui evitar a tristeza que me invade. Lembro de você como um rosto desconhecido, mas agora percebo que sua vida tinha valor e significado, mesmo que tenha passado despercebida por tantos.

A indiferença das pessoas me assusta. Elas estavam tão ocupadas com suas rotinas que não viram o que estava acontecendo. Você não era apenas um corpo no chão; era alguém com histórias, risos e lutas que mereciam ser reconhecidos.

Sinto falta da oportunidade de ter feito algo por você. De ter parado para perguntar como você estava ou se precisava de ajuda. Sua morte me fez refletir sobre o quão rápido a vida pode se apagar e como frequentemente esquecemos da fragilidade da existência humana.

Espero que, onde quer que você esteja, encontre a paz que lhe foi negada aqui. Que sua memória inspire aqueles que passam por mim a olhar além do óbvio e a se importar mais com o próximo.

Descanse em paz, Dario. Você não será esquecido.

Com sinceridade.

atração pública e despojado de sua dignidade, Dario termina abandonado sob a chuva. Após a leitura do conto, alguns acadêmicos, sensibilizados com a cena de abandono e desumanidade, se manifestaram por meio de cartas e crônicas como resposta literária ao conto, ou talvez como gesto simbólico de acolhimento e reparação tardia.

Uma Morte no Mercado

Por Albertina Brito dos Santos

No movimentado mercado central da cidade, entre barracas coloridas e gritos de vendedores, o cotidiano seguia seu curso normal. As pessoas passavam apressadas, carregando sacolas com frutas frescas e pães quentes. No entanto, no canto mais afastado do mercado, um homem caía inerte ao chão.

Ninguém parou para ajudar. As pessoas olhavam rapidamente para ele antes de retomar suas compras. Uma mulher com pressa disse em voz alta: “Deve estar bêbado.” Um jovem tirou uma foto com seu celular antes de seguir em frente. O corpo ficou ali, em meio à agitação do mercado, como se fosse apenas mais um objeto esquecido entre as barracas.

Um vendedor ambulante tentou chamar a atenção das autoridades. “Alguém precisa ajudar esse homem!” gritou. Mas sua voz se perdeu no barulho dos negócios. Finalmente, algum tempo depois, alguém decidiu ligar para os serviços médicos. O tempo passava enquanto o homem permanecia estirado no chão sujo do mercado.

Quando a ambulância finalmente chegou, o homem já estava sem vida há horas. Os curiosos formaram um círculo ao redor do corpo, mas logo perderam o interesse e voltaram para suas compras. A vida continuava; o mercado não parava para chorar por aquele desconhecido.

Enquanto as sirenes ecoavam ao longe e os vendedores limpavam suas barracas após o tumulto, restava apenas um lugar vazio onde antes havia alguém — alguém que tinha uma história, um nome e sonhos que nunca seriam realizados.

emergência. Eu deveria ir sozinho ao mar do esquecimento e de lá pegar uma taça de água pura e cristalina.

Claro, o menino não tinha necessidade de água, mas antes tinha sede de curiosidade. Beberia pelo mero desejo de saber qual gosto tem a água. Beberia e depois... Depois dormiria um sono sem sonhos, e acordaria feliz num mundo inteiro novo para imaginar.

Chorei o resto do dia. Os outros olhavam para mim com pena, porque já sabiam o que eu deveria fazer. Tentei juntar qualquer vestígio de coragem que havia em meu ser. Desci até a câmara do tesouro para encontrar entre as relíquias uma taça feita de estanho e completamente gasta. Os adornos de sua parte externa já há muito haviam desaparecido pelo contato de várias mãos de outros que já haviam trilhado o mesmo destino.

Desci trêmulo até o mar do esquecimento e cumpri com a minha missão. Fui até o garoto, meu menino, que ainda chorava copiosamente encolhido onde eu havia o deixado no último encontro.

Eu estava segurando a taça com força.

O menino percebeu a minha presença e se levantou. Olhou direto nos meus olhos. Os olhos dele estavam carregados de remorso. Olhou para a taça, percebi que seu semblante expressou certo espanto, estava aflito, porém intrigado.

“Para aplacar um pouco de sua curiosidade” — ofereci a Ele o cálice.

Empurrei-o pelo chão. A taça passava através da fina espessura do cubo, mas as minhas mãos, não. Vi o menino, com um brilho no olhar, analisar aquele pedaço de estanho. Vi seu sorriso alegre por tocar na superfície fria do metal e depois a ponta dos dedos passar por sobre a borda da água, que brilhava. Não fosse por mim, é certo que Ele teria levado a

taça até os lábios, beberia a água e tudo voltaria a sua devida ordem racional.

Quero que saibam que esperei até o último segundo para que cessasse a vontade de meu coração. Mas isso não aconteceu. Eu não podia fazer aquilo.

...
Agora, vocês sabem! Que da câmara do tesouro eu não peguei apenas uma taça, mas também roubei uma espada!

Com ela cortei a fina camada que separava o meu Senhor do resto de toda sua criação. A parede se desfez como névoa ao tocar o fio da espada e, com o coração coberto ainda de incerteza, sim, mas de alguma outra coisa que ainda não ouse confessar, impedi o menino de tomar aquele veneno do oblívio. Aí...eu o acompanhei, sim. Ajudei-o a atravessar a penumbra do cubo, ou melhor, de sua jaula... e fui com ele até a saída. Miguel nos viu e tentou impedir, eu gritei para deixá-lo ir e, quando meu irmão se livrou do meu entrevero, ao olhar para a saída, o nosso menino já havia desaparecido.

Não sei o que os senhores farão comigo. Mas guardem consigo a certeza de que não me arrependo do que fiz. Eu agora posso imaginá-lo, meu menino, Nosso Senhor, caminhando tranquilo entre as flores de lavanda, sentindo o renovo do aroma natural do campo. Do campo que Ele mesmo fez. É que agora se compraz em redescobrir sua própria criação.

Deixara o conforto e eternidade de sua jaula, de onde contemplava passivo toda existência, para ocupar outra ainda maior.

Luminescência.

Sim.

A VIDA DE UM PETER PARKER

Alexandre Giuliano Correa



Às vezes, encontramos grandes verdades nos lugares mais simples. Eu descobri uma delas enquanto assistia a um vídeo rápido no YouTube.

Nos comentários, alguém escreveu:

"Todo mundo quer ser o Homem-Aranha, mas ninguém quer ser o Peter Parker." Naquele instante, pensei: esse comentário merecia um prêmio. Só então percebi que, no fundo, eu também sou o Homem-Aranha. Não aquele dos uniformes, dos poderes e das histórias em quadrinhos, mas a versão sem máscara: apenas mais uma pessoa comum, tentando sobreviver no meio da multidão.

Vamos ligar os pontos.

Peter Parker trabalha sem parar para pagar um aluguel sempre atrasado, enfrenta empregos onde é humilhado e, muitas vezes, dispensado. Já foi até motoboy para sobreviver. De certa forma, eu também já estive nesse papel - correndo contra o tempo, fazendo o possível e ainda assim sentindo que nunca é suficiente. Na vida pessoal, Parker tinha poucos amigos — tão poucos que cabiam nos dedos de uma mão. E mesmo esses o decepcionaram: um deles o traiu e ainda conquistou o amor de sua vida.

Eu também já senti o peso de ser deixado de lado, de confiar e acabar ferido.

E havia outra lição dura: Peter podia salvar o mundo todos os dias, mas, quando mais precisou, as pessoas viraram as costas. Foi aí que entendi: ajudar de verdade é não esperar nada em troca.

Nem mesmo um simples "obrigado por gastar seu tempo comigo".

Se pararmos para pensar, todos nós temos um pouco do Homem-Aranha. Somos pessoas de bom coração que, muitas vezes, não se dão bem. Não por falta de esforço, mas porque o mundo nem sempre se importa.

E, quando cogitamos "jogar o jogo como os outros jogam", a vida nos arranca alguém querido — como se fosse o nosso Tio Ben — e nos lembra que a injustiça sempre tem um contragolpe.

E ainda existe outra lição escondida na história de Parker: ele foi traído, enganado e ferido, mas nunca deixou o rancor vencer. Continuou seguindo em frente. Talvez seja isso o perdão - não esquecer o que aconteceu, mas se libertar do peso que o outro deixou em nós. Por isso, mesmo nos dias em que tudo parece desmoronar, quando precisamos sair de casa usando uma "máscara" que está tudo bem, talvez essa seja a essência de ser o Homem-Aranha: continuar.

Agora eu te pergunto:

Você é o amigo da vizinhança?

Você faz coisas boas sem esperar nada em troca?

Você perdoaria quem já te feriu?

Você deixaria de lado seus próprios desejos para ajudar alguém que talvez nunca te agradeça?

Se a resposta for sim, então parabéns. Você também é o Homem-Aranha.

Porque, no fim das contas, ser o Homem-Aranha não é ter poderes. É continuar sendo bom, mesmo quando o mundo não é.

PEDRAS QUE ECOAM NO TEMPO

Douglas Ferreira Galvão



A pedra, em sua essência milenar, é o mais antigo elemento que conhecemos, uma guardiã silenciosa das eras. Foi sobre ela que os primeiros homens fincaram seus lares, moldaram suas primeiras ferramentas e armas, e com elas ergueram monumentos que desafiam o tempo, como as enigmáticas pirâmides, cuja força colossal, pedra sobre pedra, testemunha a engenhosidade humana diante do impossível. Foram também as pedras que ergueram as torres medievais, firmes e severas, muralhas que protegem reinos e guardam segredos de batalhas esquecidas.

Em sua superfície, a humanidade gravou as primeiras escritas, contos e símbolos de civilizações perdidas. Mas não apenas os homens, foi também a pedra, em forma de meteoro descomunal, que selou o destino dos dinossauros, extinguindo-os em um sopro de fogo e cinzas, para que a vida pudesse se reinventar. A pedra é, assim, tanto criadora quanto destruidora, sempre presente em meio à história.

Firme, dura e resistente, ela também

revela sua face preciosa, do diamante polido que reflete a eternidade, a safira que guarda o azul profundo do céu, à esmeralda que contrasta no verde da floresta. Suas texturas variam do brilho lapidado à aspereza da brita que corta a pele, cada faceta guardando a memória do tempo e das profundezas da terra.

Mas a pedra é também um paradoxo, o símbolo eterno do amor, quando ofertada em uma jóia às mãos da amada, e, ao mesmo tempo, instrumento de brutalidade. Foi a pedra que, nas mãos de multidões enlouquecidas, perseguia as mulheres acusadas de bruxaria, esmagando a delicadeza da vida em nome do medo. Foi o peso frio da lâmina, afiada pela pedra, que separou a cabeça de Maria Antonieta em uma tarde de sangue e silêncio. Foi também o fardo atado ao corpo de escravizados, lançado ao mar dos navios negreiros, o oceano se fechando sobre eles, uma cumplicidade cruel da pedra que arrastava às profundezas.

Ainda assim, a pedra permanece também como ternura e memória. Ela está no caminho gasto que leva à casa da avó, onde cada pedregulho guarda a lembrança de passos repetidos, de risadas ecoando no quintal, de histórias contadas ao entardecer. Está no arremesso até a janela, na poesia do jovem que chama sua amada.

Pedra, pedra, pedra, um elemento que fascina e assusta. É a beleza que encanta e o temor que paralisa. É o eco do impacto que apagou os gigantes do mundo, a coluna imponente das pirâmides que desafiam os séculos, a muralha medieval que resiste ao vento, a pedra preciosa que brilha em segredo, a memória que conduz os pés à infância, e também a lembrança sombria da crueldade humana.

Ela é a história bruta, a herança da terra, um legado imortal. Pedra é o tempo petrificado da eternidade ao alcance das mãos.